

## ***O tempo na terceira Enéada de Plotino***

Daniel Schiochett\*

**Resumo:** Plotino é conhecido pela doutrina das três hipóstases: o Uno, a Inteligência e a Alma. Enquanto neoplatônico, sua doutrina é pensada a partir da visão platônica do mundo. Todavia, na terceira Enéada o filósofo se põe a discutir longamente a concepção antiga do tempo, fortemente devedora da doutrina aristotélica. Plotino, ao seu modo, consegue reinterpretar e adequar a noção aristotélica do tempo à concepção de mundo platônica. O tempo, para Plotino, por um lado, permanece referido ao movimento, concordando com Aristóteles, e por outro, é imagem de uma outra forma mais perfeita, a eternidade, concordando com a divisão do mundo em sensível e supra-sensível de Platão. Por conseguir compreender o tempo a partir desses dois registros, o platônico e o aristotélico, Plotino figura como um ponto importante para se compreender as teorias do tempo que vieram depois dele, principalmente a de Santo Agostinho. Nosso ensaio pretende discutir a noção de tempo em Plotino, a partir da terceira Enéada, a fim de fornecer instrumentos para tal compreensão.

**Palavras-chave:** neoplatonismo, tempo, eternidade, hipóstases.

Contamos com o tempo no nosso dia a dia. Mas quando perguntados acerca do ser do tempo protelamos em dar uma resposta. Apesar de estarmos envolvidos por ele e a ele recorrermos insistentemente, na nossa linguagem não temos uma definição suficiente acerca de seu ser. Mas como é possível algo tão presente em nossas vidas carecer de uma definição mais aprofundada? Na verdade, já para os filósofos mais antigos, o tempo sempre foi uma questão digna de reflexão. Várias foram as formulações e respostas acerca do ser do tempo. Dentre todas elas não temos como deixar de mencionar a aristotélica que continuou sendo a base para todas as teorias acerca do tempo até Bérgrson (HEIDEGGER: 2005, p. 246), passando pelos neoplatônicos, medievais e Kant e que é a origem do conceito vulgar de tempo que nos norteia. Se olharmos mais de perto a filosofia de Plotino sobre o tempo vemos que a noção aristotélica de tempo também serve de fio condutor para a sua reflexão. Todavia, Plotino não absorve pura e simplesmente o que falou o Estagirita. Antes, a definição do filósofo grego é reapropriada segundo os moldes da própria filosofia de Plotino. O tempo que, para Aristóteles, é, *grosso*

---

\* Daniel Schiochett é aluno do programa de pós-graduação em filosofia da Universidade Federal de Santa Catarina.

*modo*, medida do movimento segundo o anterior e o posterior da alma<sup>1</sup>, agora é pensado por Plotino a partir das três hipóstases e como imagem da eternidade. Diante disso, nossa proposta é pensar, analisando o sétimo tratado da Terceira Enéada, primeiro, como Plotino vê as teorias acerca do tempo elaboradas até então, com ênfase na proposta aristotélica; e, segundo, como pensa o tempo em relação à eternidade, demonstrando, assim, sua própria teoria acerca do tempo.

Para Plotino, “segundo o que dizem os filósofos, o tempo ou é um movimento, ou algo movido, ou algo próprio do movimento” (PLOTINO: 1965, p. 193)<sup>2</sup>. Para Plotino, as teorias dos antigos mostram que o tempo tem algo a ver com o movimento. De fato, nossa experiência sempre já percebe que o tempo acontece na medida em que acontece também o movimento. Todavia, das três opiniões dos antigos, é na terceira que Plotino vai se deter mais. É a opinião aristotélica, aquela que, mesmo refutada, ao seu modo, serve de fio condutor e dá as bases para Plotino argumentar a favor de sua própria concepção de tempo. Mas passemos rapidamente pelas duas primeiras opiniões trazidas por Plotino.

A primeira opinião trazida por Plotino é “o tempo é o movimento”. Logo de saída, todavia, Plotino deixa claro que, “[...] nem reunidos todos os movimentos em um só, nem considerado à parte o movimento ordenado, resulta que o tempo seja o movimento” (PLOTINO: 1965, p. 193). O que o filósofo quer garantir é que tempo e movimento sejam coisas distintas, eles não podem meramente se identificar ao modo de palavras diferentes que têm o mesmo objeto. Mesmo porque, afirmado o tempo ser o movimento fica a pergunta: e o movimento, então, o que seria? Por isso, uma coisa é onde se dá o movimento e outra o movimento mesmo. Mas Plotino continua analisando a hipótese de modo a mostrar sua inconsistência. Poder-se-ia dizer que o tempo é o movimento da esfera celeste. Já que este é o movimento perfeito, teríamos o modelo para se pensar o tempo. Mas Plotino faz notar que esta também possui movimentos diferentes. “Está claro que a esfera das estrelas fixas é a mais rápida porque percorre uma distância maior, e ainda a maior possível, em

<sup>1</sup> Cf. Livro Δ da **Física** de Aristóteles.

<sup>2</sup> Esta e as outras citações de Plotino são traduções livres minhas.

um tempo menor. As outras, por sua vez, são mais lentas porque gastam mais tempo em recorrer uma parte daquela distância” (PLOTINO: 1965, p. 194). Com movimentos diferentes, qual deles seria o tempo? Com que base dizemos que uma esfera é mais rápida, *demora* menos, e outra mais lenta, *demora* mais, se já não contamos com a medida do tempo para dizer isso? Logo, para Plotino, fica claro que uma coisa é o movimento das esferas e outra coisa o tempo. Se existe alguma relação entre eles é porque é pelo movimento que podemos dizer que o tempo passa. Mas não é o movimento que faz o tempo passar; *o movimento indica apenas a presença do tempo.*

A segunda opinião é rapidamente refutada em poucas linhas. Plotino afirmara antes que o movimento da esfera celeste não pode ser o tempo, logo, a própria esfera também não pode ser. Isto porque somente se poderia confundir o tempo com a própria esfera celeste, com a coisa movida, porque nela há movimento que, como vimos, indica a presença do tempo. Mas a esfera mesma não pode ser o movimento, tampouco o tempo. Em outras palavras, só se pode confundir o tempo com a esfera celeste porque esta se move. Mas já foi demonstrado que o tempo não se identifica com o movimento.

Mas o tempo não seria algo próprio do movimento? Aqui nosso filósofo começa a analisar a teoria aristotélica sobre o tempo. Mas que tipo de propriedade do movimento seria o tempo? Seria ele um intervalo ou uma extensão do movimento? Novamente Plotino faz notar que os movimentos são infinitos e assim, infinitos seriam os intervalos e infinitos seriam os tempos. Mesmo levando em conta apenas os movimentos regulares, ainda teríamos muitos tempos diferentes. Para que haja unidade no tempo, é necessário que ele seja algo próprio de um movimento específico. Pergunta-se, então, Plotino: o tempo seria a extensão do movimento do universo? (Cf.: PLOTINO: 1965, p. 195) Mas, nota nosso filósofo, aí não se trataria mais do tempo senão do *espaço* percorrido pelo movimento. O que resultaria que o tempo é o espaço, solução aos moldes de “o tempo é o movimento” ou “o tempo é a coisa movida”, e que não indica o que é o tempo, ou pior, o confunde com outra coisa. Ou será, pergunta-se novamente Plotino, que a dita extensão do movimento não indica o fato de ele não ser instantâneo? (Cf.: PLOTINO: 1965,

p. 196) Mas com isso, mostra o filósofo, apenas confirmamos que o movimento se dá no tempo, já que não ser *instantâneo* é a característica daquilo que ocupa tempo. Desse modo, o tempo não pode ser uma propriedade do movimento ao molde do intervalo ou da extensão.

Afinando sua argumentação, pergunta ainda Plotino: seria o tempo uma propriedade ao modo do número, ou melhor, da medida do movimento, como afirmara Aristóteles? (Cf.: PLOTINO: 1965, p. 197) À primeira vista isto implicaria que o tempo fosse algo anterior ao movimento e independente dele de modo a medi-lo. O tempo, nesse sentido, é número do movimento, mas enquanto número *numerante*, enquanto número aplicado a um objeto determinado, no caso, o movimento. Mas isso significaria que o tempo seria como um número qualquer, por exemplo o número dez a contar cavalos e bois. Por que o *dez* dos *dez cavalos* não é tempo mas os *dez minutos* os observando referem-se ao tempo? O que diferiria o tempo e os números? O movimento pode ser medido pelo tempo de modo a se poder dizer do movimento que ele durou duas horas ou dez minutos, mas o tempo não está no *duas* ou no *dez*, mas sim no *durou*.

O tempo enquanto algo próprio do movimento, neste caso, como medida do movimento, não pode ser o número numerante desprovido de qualquer relação com o tempo mesmo. Mas então seria ele o número *numerado*? Ou seja, o número que mede enquanto medido pelo movimento, uma *magnitude* do movimento? Segundo esta perspectiva, o tempo seria como uma linha que acompanha o movimento e neste acompanhar dá medida ao acompanhamento. Mas aqui Plotino coloca um problema. Não seria então o movimento que leva o tempo “para frente”? (Cf.: PLOTINO: 1965, p. 198) Isso implica dizer que parando o movimento, pára também o tempo. O tempo, assim, não pode ser nem o número que mede nem o que o é medido pelo movimento: não é o número numerante nem o número numerado.

Seria o tempo aquilo que mede segundo o anterior e o posterior, como também afirmara o Estagirita? Se essa hipótese é verdadeira, é necessário, segundo Plotino, que aquilo que mede tenha a ver com o tempo, pois como poderia contar o movimento temporalmente se não tivesse relação

com o tempo? (Cf.: PLOTINO: 1965, p. 199) Afirmar isso é importante, pois de outro modo, Plotino abriria espaço para pensar o tempo como atemporal. O que divide o tempo em antes e depois aparentemente é o agora. O agora, nesta perspectiva, é a parte mais elementar do tempo e serviria como unidade de medida para o movimento. Mas tomar o agora como medida implica dizer que a unidade mais elementar do tempo é instantânea: o agora não tem tempo já que “o instante é instantâneo”. Daí a inconsistência dessa perspectiva. Para Plotino, se o tempo mede o movimento, deve ter algo a ver com ele. Logo, o tempo não é algo que permanece imóvel enquanto mede o movimento. Aqui já fica prenunciado o sentido que Plotino vai dar ao tempo posteriormente. O tempo em si não é algo imóvel. Todavia, este movimento não é um mero movimento sensível.

A posição de Plotino faz mais sentido se pensarmos que, para ele, o antes e o depois não são decorrentes da medida de alguém que esteja medindo. O antes e o depois são propriedades do movimento mesmo, já que o contrário seria o mesmo que dizer que “uma grandeza permanece indeterminada até que alguém veja que medida ela tem” (PLOTINO: 1965, p. 200). O antes e o depois se dão no movimento mesmo. Eles não indicam o que seja o tempo. Em relação ao pensamento que os contempla, o antes e o depois mostram que o tempo passa, mas o movimento não é determinado pelo pensamento. Mas por que, então, o tempo sempre é tomado em relação ao movimento? Eis a resposta de Plotino: O tempo é tomado sempre em relação ao movimento porque ele nasce a partir do movimento *do pensamento*: “não se vê por que razão o tempo não existiria antes de um pensamento o medir. A menos que o pensamento o gere” (PLOTINO: 1965, p. 200).

O tempo, para Plotino, é *gerado* como propriedade da Alma. Notemos aqui o passo fundamental dado pelo filósofo. Se por um lado sempre percebemos o tempo ligado ao movimento, por outro parece que o tempo não existiria antes de um pensamento o medir. Mas se isso acontece e se o tempo tem sempre a ver com o pensamento que mede, é porque é o *pensamento* que o gera. O tempo é gerado pela Inteligência. É gerado como movimento, mas não como um movimento do mundo, mas como o movimento que contempla a

Inteligência e engendra o mundo sensível, isto é, a Alma. O tempo é uma propriedade da Alma gerada pela Inteligência. O tempo não está na Inteligência, de modo que não é ela que o “inventa”. O tempo é uma característica necessária do movimento da Inteligência que se torna Alma. Isso aponta enfim à doutrina das hipóstases de Plotino.

Aqui já podemos entender porque Plotino empreende a análise das opiniões dos antigos antes de expor a sua própria doutrina acerca do tempo. Podemos resumir essas razões em três: a primeira é manter a primazia do tempo frente ao movimento sensível; a segunda é garantir o surgimento do tempo a partir da segunda hipóstase, a Inteligência; e a terceira, como consequência, é tomar (aos moldes de seu “mestre” Platão) o tempo como imagem de algo na Inteligência, a saber, da eternidade.

Acerca da relação entre as hipóstases e o tempo, Reis diz que

Enquanto o Uno, ele próprio, é uma vida ou ato, mas completamente contido em si mesmo e por isso um puro estar vigilante, e a Inteligência, com a sua dualidade de sujeito-objeto, mas objeto possuído, é um movimento sim mas em repouso, a Alma, tendo de contemplar os objetos na Inteligência, é um movimento efetivo e por isso tempo. (REIS: 1997, p. 399)

Quando Plotino fala desse movimento, não está se referindo ao movimento sensível. O movimento é a atividade própria, é a vida de cada hipóstase. O contrário desse movimento é estar inerte, sem vida. Repouso e movimento não são contraditórios aqui. O Uno se move, não para fora de si, mas como vida plena é um puro estar vigilante. Mas como nada lhe é tirado nem acrescentado, pois nada há fora dele, o Uno se mantém, nesse sentido, em repouso. A Inteligência, imediata ao Uno, é vida verdadeira enquanto contemplação do Uno. Nessa atividade ela é movimento. Mas enquanto contemplação, a Inteligência permanece em si mesma e para si mesma, e, por isso mantém-se em repouso. Se nas duas hipóstases iniciais, há em certo sentido movimento e repouso, na Alma isso também acontece, só que em grau de menor perfeição. Enquanto contempla a Inteligência, já que não possui nela mesma as formas inteligíveis, a Alma é vida e, assim, movimento e repouso. Só que por não possuir em si o motivo de sua contemplação, por ter que se voltar sempre para fora, a Alma se mantém inquieta. Num movimento se volta para o alto, contempla os inteligíveis. Esse é o seu movimento mais perfeito.

Mas voltada para baixo, a Alma projeta no mundo imagens do que contemplou no mundo inteligível. *Esse movimento da Alma é o tempo.*

De fato, indica Plotino:

Não obstante, sua natureza [a da Alma], amiga de inovações, que queria ser dona de si mesma, e estar em si mesma, preferiu buscar algo melhor que seu estado presente, pondo-se então em movimento e, assim também, como é lógico, o tempo. Ambos se dirigiram para algo não idêntico e sempre renovado, para algo diferente do anterior. Depois de ter caminhado em certo trecho, deram em fazer o tempo, que é uma imagem da eternidade. Porque havia na Alma uma potência carente de tranquilidade, que desejava transferir a outra parte os objetos que via no mundo inteligível, ainda que, no entanto, não quisesse que todo o ser inteligível se lhe apresentasse reunido. [...] A Alma fez o mundo sensível tomando a imagem do mundo inteligível, mas o fez móvel, mas não com o movimento daquele, senão com um movimento que se lhe assemelha e que quer ser sua imagem. Em primeiro lugar, a Alma se fez temporal e produziu o tempo em lugar da eternidade; logo, deixou submetido ao tempo tudo o que ela havia engendrado, incluindo-o no tempo e encerrando aí seu próprio desenvolvimento. (PLOTINO: 1965, p. 202-3)

A Alma, em seu estado primeiro contempla os inteligíveis. Mas, fala Plotino, não contente com seu estado presente resolve buscar algo melhor fora de seu movimento primeiro. A Alma, desejosa de possuir em si o próprio ser daquilo que contemplava na Inteligência, resolve engendrar imagens daquilo que outrora contemplava. Ela se coloca e coloca as imagens em movimento. Ora, na Inteligência, os inteligíveis estão presentes em ato e eternamente. A eternidade não é outra idéia ao lado dos inteligíveis. A eternidade é um atributo da Inteligência e dos inteligíveis (Cf.: REIS: 1997, p. 388). *Assim, como o que está na Inteligência é eterno, o que há na Alma passa a ser móvel e, assim, temporal.* As formas que estavam plenas e todas de uma vez na Inteligência, são engendradas uma após a outra pela Alma. Nesse movimento, tanto Alma como imagens se tornam temporais. Por isso, para Plotino, o tempo não é outra coisa senão a imagem do estado daquilo de que provém a Alma e as imagens sensíveis, isto é, *o tempo é imagem da eternidade.*

Podemos ainda pensar do seguinte modo. O movimento da Inteligência é um movimento perfeito na contemplação de si, isto é, do Ser, e na contemplação do Uno. Esse movimento perfeito é a eternidade. É repouso pelas razões que apontamos acima, nada lhe acrescenta ou falta. Não é um repouso inerte já que, para Plotino, é vida de contemplação. Esse modo de ser da Inteligência, esse seu atributo é a eternidade. Já o movimento da Alma não é mais tão perfeito. É um movimento desejoso de plenitude. Ela não possui os

inteligíveis. Ela busca a plenitude engendrando o que contempla no Inteligível. Esse movimento é causado pela falta e leva à geração e à corrupção das coisas engendradas. Esse modo de ser da Alma, *esse seu atributo é o tempo*. “Ao contrário da saciedade da Inteligência que gera a eternidade, a Alma é agora antes falta e por isso desejo, o qual sucessivamente satisfeito é o tempo” (REIS: 1997, p. 399).

Notemos a primazia que o porvindouro, o futuro tem para Plotino. O tempo não acontece meramente numa linha passado-presente-futuro. O futuro é o que “puxa” o tempo. Mas esse futuro não é uma coisa. Ele é expressão da Alma intranquã que está sempre desejosa de possuir os inteligíveis. O futuro é desejo, é impulso que move a Alma. O tempo, como atributo da Alma e, mais precisamente, como movimento da Alma, nasce do desejo de plenitude. O que move a Inteligência é a contemplação própria da Inteligência. Ela se mantém nessa contemplação plena, plena porque saciada no objeto contemplado. A Alma se move não a partir do princípio intelectual, mas a partir do desejo de possuir o que lhe falta. Ela se mantém nessa intranquã busca, intranquã porque nunca saciada no objeto contemplado. É esse o movimento da Alma chamado tempo.

Isso tudo só é possível porque, seguindo a doutrina platônica, para Plotino as coisas do mundo sensível são reflexos do mundo inteligível. Isso significa que se o tempo diz respeito ao mundo sensível, ele é reflexo de algo mais perfeito na Inteligência. Convém, assim, identificar a Alma com o mundo sensível. Com isso não queremos eliminar as ambigüidades que Plotino levanta ao se referir à Alma. Esta, nos escritos de Plotino, ora é a Alma Universal, outras vezes, a alma das coisas, e outras, simplesmente Alma. Mas uma coisa é certa, quando fala em Alma, sempre está se referindo à terceira hipóstase. Se as almas das coisas fossem algo essencialmente diferente da Alma Universal, teriam que ter vindo, emanado desta última e teríamos outras tantas hipóstases<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> Corroborar com isso o que se fala acerca da matéria em Plotino (Cf.: REIS: 1997, p. 402), o último estágio antes do nada. Essa em momentos parece ser o substrato em que são refletidas as formas inteligíveis, ora parece ser uma espécie de instância da forma, o espelho que reflete o inteligível mas que em si, nada, nem espelho, em última análise é. Ora, nas palavras do próprio Plotino, “[...] o mundo se move na Alma – não há para ele, certamente, outro lugar

Por fim, Plotino dá a resposta aos antigos e mostra em que sentido o tempo pode ser medida do movimento. Vejamos o que diz o filósofo acerca disso:

Como não se pode delimitar o tempo com a Alma, nem medir por si mesma cada uma de suas partes, já que o tempo é indivisível e inapreensível e não existe todavia possibilidade de contar, a Alma “produz a noite e o dia” [Platão, *Timeu*]; tomando como base essa diferenciação surge então a idéia de dois, e por ela, acrescenta também [Platão], se origina a noção de número. [...]

O movimento do universo se mede em relação ao tempo, mas o tempo não é uma medida do movimento, mas fundamentalmente, outra coisa, fazendo apenas manifesta, por acidente, a quantidade do movimento. [...]

O tempo resulta, pois, medido, fica manifesto pela revolução do sol, mas não é engendrado por esta revolução, mas apenas conhecido por ela. [...]

Daí que alguns se sintam inclinados a dizer que [o tempo] era a medida do movimento em vez de afirmar que era o medido pelo movimento, mas sem conhecer seu caráter de algo accidental, coisas ambas de sentido inverso. (PLOTINO: 1965, p. 206-8)

O tempo como imagem da eternidade e propriedade da Alma não é divisível. Assim como a eternidade é idêntica, uniforme e contínua, assim acontece com o tempo (Cf.: PLOTINO: 1965, p. 204), mas de um modo não tão perfeito. Enquanto a eternidade é um todo compacto, o tempo é um todo disperso, extenso, e daí sua relação com o espaço e o movimento. Esta era uma das aporias que Aristóteles já havia demonstrado. Mas para Plotino isso não é mais problema. Se algo mede ou é medido pelo movimento não é pelo tempo em si. O que permite tal medida é algo accidental ao tempo. O tempo em si não mede o movimento. E nem este o tempo. A Alma que produz todas as coisas cria a “noite e o dia”, afirma Plotino, citando Platão. Da primeira diferença, do primeiro antes e depois, surge o número. É esse número que se presta a contar o tempo e movimento sensíveis, um por comparação ao outro. Mas note-se só em sentido accidental. O tempo-movimento da Alma, permanece, enquanto tal, sem medida.

---

que a Alma [...]” (PLOTINO: 1965, p. 203). Desse modo, fora da Alma, a matéria não tem ser, já que tudo o que é ser e tem seu ser sensível porque é reflexo da Inteligência. Se há algum lugar para a matéria ser, deve ser na Alma. Logo, para as coisas serem, é necessário que se dêem ou na Inteligência ou na Alma, antes desta está o Uno, para além do ser, e abaixo, num sentido, a matéria, que carece de ser ou, noutra sentido, nada. Há, nesse sentido, apenas três hipóstases. O Uno de onde tudo vem, e a Inteligência e a Alma em que as coisas são. E é por isto que esta última não é algo superior ao mundo sensível, mas é a vida mesma do último lugar em que chega a luz do Uno. Com isso, mesmo que não resolvidas as ambigüidades da Alma e da matéria, assunto que não é o escopo do nosso ensaio, queríamos garantir o âmbito em que acontece o tempo para Plotino e reflexo do que é esse tempo. O tempo, para filósofo acontece na Alma, e assim no mundo sensível, enquanto movimento desta e é reflexo da eternidade.

Desse modo, o tempo é o movimento da Alma em Plotino. Por isso os antigos não têm razão para o filósofo. Para eles o tempo era uma determinação do movimento, mas do movimento sensível. Embora nosso filósofo não fale isso enquanto analisa as suas posições, elas são sempre pensadas segundo essa perspectiva. O movimento sensível, embora decorrente do movimento da Alma não é igual a ele. O movimento da Alma é o movimento em que as próprias coisas são engendradas a partir da natureza desejosa de quem as produz. O movimento sensível é apenas a manifestação exterior daquilo que realmente acontece na Alma. Se o mundo se move não é porque tem um movimento e um tempo em si, mas é por a Alma se mover que o mundo pode se mover, ao ponto de se a Alma parasse, o movimento e o tempo do mundo também parariam (Cf.: REIS: 1997, p. 398). Por isso que, no mundo sensível, é ao tempo que as coisas estão sujeitas. Mas esse tempo é somente em sentido derivado. No sentido pleno, o tempo se identifica com o movimento da Alma.

Referências:

- ARISTÓTELES. **Física**. Editorial Gredos: Madrid, 1995.
- AGOSTINHO. O homem e o tempo. In: \_\_\_\_\_. **Confissões**. São Paulo: Abril, 1973. p.233-57.
- PLOTINO. **Eneada Tercera**. Buenos Aires: Aguilar, 1965.
- REIS, J. **O tempo em Plotino**. Revista filosófica de Coimbra – nº 12 (1997): 381-489.
- HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. vol. 2. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.